

língua no fogo

ou antes que o mundo acabe

mario chagas

fazer museu sem fazer poesia é quase impossível. cada peça é um verso, no emaranhado ultrabembolado de galeria a galeria – ou sem galeria nenhuma, como em (uni) verso livre.

fazer poesia sem fazer museu é nada menos que inconcebível. há uma gota de sangue em cada poema, diria o homônimo. e há contra-poemas em cada gota de saliva no ouvido mouco e na língua de fogo do poeta preso em flagrante. há sangue do meu sangue em cada poema contra a barbárie. e há vestígios de memória em cada linha que permanece marcada em braille no caramanchão das construções sintáticas de *chagas, mario*.

para mim, falar na orelha do seu livro não é fácil, ulceramos em semelhantes. mas *chagas, mario* é, como no museu de história natural, o meu poetassauro ancestral. sou inegavelmente sobejo dele.

talvez por isso, talvez por outra razão, talvez sem razão prática para criticar, ele me deitou filosofar sobre o que está por vir, numa nítida inversão de valores, num esforço memorável de imaginação museal. aqui não é o velho quem fala do novo, se não ab ovo. aqui não há apenas museus e centros

língua de fogo

ou antes que o mundo acabe

mario chagas

copyleft © 2008, mario chagas

projeto gráfico e capa: marcia mattos

fotos: mario chagas

fonte do título “língua de fogo”: misprinted type

C426 CHAGAS, Mario de S.

Língua de fogo ou antes que o mundo se acabe/ Mario de S.

Chagas. – Rio de Janeiro : RTC Edições e Publicações, 2008.

176 p.; 14 x 21 cm. – (Coleção Letras do Rio)

ISBN

1. Poesia. 2. 3. 4.

I. Título. II..

CDD

endereço da editora

sumário

o fim é sendo	8
antes que o mundo acabe	
.aos mestres. às...	
atrizes (à guisa de oferta)	
mário sá carneiro (à guisa de avatar)	
vaga-lume em memória	16
louvação	
ao abrigo do sonho	
lágrimas	
fala da mãe	
de galdino para o pai juvenal (em sonho)	
fala dos defensores do crime	
canto da amante	
banguela	
esfinge dos lábios de mel	
contra a barbárie	32
desapego	
palhaço	
caco de vidro	
poeta contra a barbárie	
pista	
carandiru	
professor corinto	

santa marta
memória da cidade
medo (marque com um “x” a resposta amarela)
14 bis ou acorda a corda que o mundo acabou
arcos
coisa separada

teresas

70

guardador de automóveis
mãos dadas
além do que não sei
fragmentos
folha solta
todos os poemas
fios e labirintos
declaração de amor suburbano
para rosemeier
para amar na cozinha
amores
poemas do outro dia
contra-abortivo
ovo
caminhadas
costura
teresa
do amor admirado e da admiração amorosa
verdade mentira engano pior

a corda
ex-gana
memória do líquen
peitos da memória
memória dos olhos
outro lado da memória
evaporação
condensação
tulipas
caminhos
mãe do mato
museu
visita ao museu
diabão
amália
mega iv
lisboa visitada com gravata
gravata de rua
pingue-pongue
nadadeiras e asas
aliança
pontas
memória dental
alforje
noturno suburbano
não sei

largo da ordem
peixe espada
vem chegando a madrugada ô e a velhice vem caindo
das cabências do amor (marque com um “x” a resposta celta)
cantigas de amizade (marque as respostas valsas)
da guarda baixa
cauê
ci né má
i boa nova
ii desvestindo a noiva
iii canal 100
iv no escurinho
v musical capiba
vi falado
vi documentário
vii roteiro

antes do fim

160

das mãos em tese
ditirambos
oferta da fala
cena i – os tupinambás são gregos e vice-versa
cena ii - só doido só poeta
cena iii - assim falava zaratustra
cena iv – extra extra
antes do fim

fotografias

7, 15, 41, 81, 141 e 149

balé de bailarinas de garrafa



o fim é sendo

antes que o mundo acabe

.um amigo, a quem vejo de tempos em tempos, me disse: “o mundo vai acabar. antes que o mundo acabe, publique o seu livro.” um outro amigo, a quem encontro com freqüência, sorrindo, entrou na conversa: “mermão, é melhor publicar o seu livro... agora, se ele for publicado depois do fim do mundo, ninguém poderá ler... será como lançar um disco que não desgruda da mão do discóbolo”. um outro amigo, a quem vejo com mais freqüência que o primeiro e menos que o segundo, alucinou: “o mundo acabou ontem”. o papo seguiu nesse tom. meus amigos falavam entre si e de vez em quando demandavam outras opiniões. de um momento para outro me vi rodeado de dinossauros que falavam de lançamento de livros, do fim do mundo, de mundos paralelos, de mundos em construção, do pior e do melhor dos mundos e de temas como biblióbolos, diábolos, musicóbolos, museóbolos, símbolos, glóbulos, anti-glóbulos, alter-glóbulos, alter-globalização e outras tantas coisas. dirigiam-se uns aos outros falando: “é isso aí cara!”, “é isso aí bicho!”. saí e voltei. saí e voltei e me deixei com meus amigos. mas, ainda assim, quando saí de vez, saí incomodado. sem relação com o fim do mundo, o meu incômodo passava pela hipótese do fim do livro. de tal modo aquela conversa de exilados do *reino de mandacaru* atravessou a pele e atingiu as vísceras, que no dia seguinte este meu livro mais novo - que desde o século passado singrava minha vida com os títulos “livro do horror” e “língua de fogo” - passou a chamar-se

“língua de fogo ou antes que o mundo acabe”. este relato, do ângulo em que vejo, talvez seja importante. ele registra o direito à memórias, museus e teresas, a poética da amizade que se faz sendo, a poética do encontro entre a subjetividade e a sociabilidade, a poética dos tempos e saberes distintos, a poética da resistência, o fim da poética, o rugido da alter-poética, a poética do re-início e o meu desejo de não finalizar livros. desejo derivado do desejo de não finalizar versos, poemas ou textos, e sim mantê-los em movimento, em vida, em situação de risco, em perigo de ser e de não ser, de vivê-los sendo. na verdade não gosto de finalizar nada. o fim para mim é uma impossibilidade, é um não-fim, para mim o fim é sendo, estando, indo e vindo¹. ainda assim, tendo o mundo acabado ou estando prestes a acabar, lanço aos deuses dos quatro rios esse livro que continua em processo. língua de fogo.

1 gerúndios são giros, girinos gerando mundos.

.aos mestres. às irmãs. aos filhos. aos pais. aos sobrinhos. às
tias. aos amores. aos amigos e aos aminimigos.

atrizes (à guisa de oferta)

toma este fragmento de memória
é ferro em brasa o mundo da lembrança
e o esquecimento é nuvem gorda
pronta para desabar

um dia eu queimei as mãos
tocando o álbum de família
ainda guardo as cicatrizes no bolso
do fraque que não usei

toma esta cicatriz
se a dor não te assusta
e completarás assim
o quebra-cabeça do buda

minha memória é espontânea
hás de me dizer
mas não se pode pôr de pé um four de ases
se o ás de ouro não vem

convém achar primeiro a porta
que o vento esqueceu de fechar

a memória de que falo é casa híbrida
é gesta gesto gasto gosto
é tijolo pedra sonho areia
pá que rasga e remexe
cimento água desejo e trabalho
toma este fragmento de azulejo
com delicadeza ele revela tudo

í
quantas almas de índios e negros
foram abortadas dos corpos de carne
em nome de deus e de sua majestade
pela marra da cruz e da espada
?

era uma vez e eu queimei as mãos
tocando o álbum de família
ainda guardo as cic-atrizes nos olhos

mário sá carneiro (à guisa de avatar)

eu sou eu e sou o outro
e ainda sou o intermédio
detono os diques do tédio
e fico inundado de nós



vaga-lume em memória

louvação

louvada seja a memória
do cacique galdino
morto queimado vivo
na cidade de brasília
no dia vinte de abril
um dia depois do dia do índio
dois dias antes do encobrimento do brasil

louvado seja o próprio
cacique pataxó
queimado vivo
por quatro adolescentes
da cidade de brasília
cavalheiros de família
do apocalipse burguês

louvado seja o povo pataxó hãhãhãe
(honra e glória da bahia)
um dia foi soberano
hoje não tem porto seguro
povo que dorme na ponte
no ponto ou na parada do ônibus
periga acordar com o corpo em chamas

louvados sejam o sono e o sonho
do índio galdino
interrompidos com a dor
do corpo que queima
e o ardor do sangue que ferve
o sono acabou em morte
¿ o sonho outra sorte teve ?

galdino jesus dos santos
(perdido é seu nome pagão)
índio devorado vivo
na cruz central do país
um dia depois do dia do índio
dois dias antes
do encobrimento do brasil

ao abrigo do sonho

¿

com o que sonhava o índio que dormia
antes que o seu corpo virasse lume
a alma lua e o hálito virasse sol

sonhava com o abrigo pataxó
com a água do rio e do poço
livres do envenenamento

sonhava com a pedagogia do vô
o exercício livre do direito ao ar
e à terra onde seus ancestrais foram crianças

sonhava o fim do não
e o fim do sim das violências e ameaças
dos fazendeiros e grileiros de plantão

sonhava com uma canção justa
menos hipócrita
e mais solidária

com o que sonhava galdino quando dormia
antes que o seu corpo virasse sol
a alma lua e o hálito ascendesse a vaga-lume
?

lágrimas

a mãe
lidera passeata de protesto e chora
a mãe
não se apaga com o veredicto da juíza cega
a mãe
encarna a rebeldia e a dor do filho
a mãe
do que foi feito
lume
tocha
sofre e chora
o sal das lágrimas da mãe
acende a branda chama da coragem
e abranda o fogo fácil da vingança

fala da mãe

meu nome é minervina de jesus
de um lado sou pagã
filha de minerva
deusa da sabedoria
da guerra e da guerrilha
de outro sou filha de jesus

ao dizer meu nome
digo nada
digo tudo
sou minervina pataxó hãhãhãe
de jesus indignada

os burgueses não gostam de índio
os policiais não gostam de índio
os donos das leis não gostam de índio
os cristãos não gostam dos deuses de índio
os políticos neoliberais não gostam de índio

as mães pataxó hãhãhãe somam forças

:

não queremos com carne vil
enfraquecer os fortes

:

não queremos morder corações nefandos
ou comungar do corpo e do sangue de covardes

para os quatro deuses lares infames
sonhamos a justiça
dos deuses do fogo
com a estrela flamejante na testa
e na destra o facho luminoso

mas a justiça é rica
branca bela cega
e não gosta de índio
a justiça não gosta de índio

de galdino para o pai juvenal (em sonho)

pai proteja a mãe e as crianças
cante pra elas os cantos pataxó
puxe pela lembrança dos mais velhos
reacenda a chama da memória do lugar
diga pro edvaldo
pro géerson
pro pessoal do zé caboclo
pro alcides
pra maura
pro wilson
pro juraci
e pra maria titiá
diga pra todo mundo velho e pra todo mundo novo
que eu continuo fogo vivo
e que a luta mantém a chama do guerreiro

pai

quando a mãe deitar a cabeça em seu ombro
cante pra ela a meu pedido

:

mãe não sofra tanto mãe

mãe não chore tanto mãe

fogo não queima fogo

e a língua de fogo

acende o fogo da língua do povo

fala dos defensores do crime

brincadeira e jogo
de meninos civilizados
bárbaro é dormir no ponto

brincadeira doce e pura
de meninos educados
bárbaro é dormir na rua

brincadeira de luz e brilho
de meninos bem polidos
bárbaro é índio maltrapilho

brincadeira de amigos
de meninos bem limpinhos
bárbaro é índio mendigo

brincadeiras e brincadeiras
queimar mendigos e índios
faz parte das brincadeiras

canto da amante

digam o que queiram dizer
falem o que queiram falar
eu amo galdino
vivo

morto há de virar filme
peça de teatro música poesia
monumento nome de rua
museu

galdino há de virar bandeira
arte marca imagem
quem sabe
sonho

eu quero galdino vivo
vivo dormindo e acordando comigo
pegando fogo
comigo

banguela

banguela dos lábios de mel
guarani

ancestral do tempo
guarani

aconteça o que acontecer
o medo não será estrada
não será estrela
no céu da boca banguela

anoiteça o que anoitecer
a mãe do sol há de vir
e há de incendiar os medos
de amar e de ser

de ser e amar
um pedaço da lenda
que meus filhos
hão de cantar

banguela dos lábios de mel
sem males

ancestral guarani do tempo
sem males

buscador guarani da terra
sem males

reverencio tua boca portal
vazia de males e dentes

esfinge dos lábios de mel

não há descobrimento
américa de alencar
iracema de além-mar
américa não foi descoberta

iracema foi coberta e recoberta
tal como roberta
em pose e de perto
iracema é o enigma do desterro

deslocada em sua mesma terra
é o ambíguo umbigo da esfinge
é a cobra grande
sem coberta que a cubra

não há descoberta que cubra
a colcha de gentes e retalhos
do deus dos fados e atalhos
se a onda de vida se põe a caminho

contra a barbárie

desapego

inclino-me reverentemente
diante dos loucos
há lucidez em seus olhares

inclino-me reverentemente diante dos mendigos
em suas peles sujas e fedorentas
está escrita a história da riqueza

inclino-me reverentemente
diante das putas e dos travestis
eles ensinam que a ilusão é mãe e amante
de homens e de mulheres

inclino-me reverentemente diante dos bêbados
dos jornalistas agrilhoados
dos funcionários públicos acovardados
dos burgueses bem traídos e casados
dos solteirões acomodados
dos empresários que burlam o fisco
dos artistas que vendem a alma e o corpo
dos professores que odeiam alunos
e dos políticos que odeiam povo
eles ensinam que a vida compõe-se de vidas
que sobreviver é espirrar pelas brechas
que os deuses do mercado
não cumprem promessas
e que dançar e transformar-se
é próprio do humano

inclino-me reverentemente
diante dos sacerdotes e militares vendilhões
dos sindicalistas mexilhões
das modelos cortesãs
dos jogadores e vendedores de ilusões
todos eles ensinam

:

é possível ser campeão em tudo
e ainda assim ser cheio de nada

a fama
a palavra de ordem
a ordem do dia
e o grito cego da fé
fazem parte dos desejos humanos

inclino-me reverentemente
diante dos menores bolados e cheirados de cola
dos camelôs que tumultuam as ruas
as calçadas e as esquinas
dos ladrões de galinha
dos assaltantes de sinal
dos guardadores de automóveis
e dos guerrilheiros de plantão nas florestas
favelas e botequins
todos eles
- mestres de vivências
e de tecnologias de sobrevivências –
ensinam que a vida é um mar de possíveis
navegações naufrágios e afogamentos
possíveis mergulhos nadares boiares
e outros possíveis mares

inclino-me reverentemente diante daqueles
que não têm nome
não têm tradição família ou propriedade
e também diante daqueles
que tendo nome
tradição família e propriedade
odeiam exploram
escravizam e matam os diferentes
todos eles ensinam que nome
tradição família e propriedade
não são libertadores
são caramujos de estimação inventada
podem ser falsificados vendidos comprados
contrabandeados e roubados

inclino-me
(afrontando meus limites e resistências)
diante dos traficantes de fé e influências
de armas e obras de arte
de pedras e plantas
de animais e órgãos do corpo humano
de drogas e conhecimentos tradicionais
a ciência a arte a filosofia e a religião
que eles praticam
vivem nas pétalas da flor do coração
e fazem parte da nossa maldade

inclino-me reverentemente diante de mim mesmo
pelo que sou
e não sou
pelo que tenho
e não tenho
em comum
com todos aqueles diante dos quais me inclino

que a libertação do sofrimento decorrente do apego à idéia de
um eu seja beijo gozo e regozijo para todos os seres viventes

palhaço

por mim eu gerava só alegria
mas mesmo a roupa de palhaço
com que rodopio e disfarço
assusta e afasta a fantasia



caco de vidro

sou um homem sem poesia
como um caco de vidro vermelho e fino
como um fragmento pontiagudo
de bola de árvore de natal
aquela frase cortou em mim
rasgando e virando a noite pelo fundo

sou um homem sem poesia
sou um homem sem poesia
meu amigo repetia sem parar
e brotavam sobre a mesa
palavras de língua presa
e gotas de sangue vilipendiado

tanto mais o vinho enrubescia a língua
mais a língua acesa repetia
sou um homem sem poesia
e se ninguém parecia ouvir o que ele dizia
mais ele se exaltava gritava e repetia
sou um homem sem poesia

chorando cacos de vidro
meu amigo falava
falava
e queimava palavras
como quem não quer mais dia
sou um homem sem poesia

quando a noite cambaleava
vencida pela voz exangue
e o sol anunciava a sangria
virei a mesa
quebrei os copos
e mesmo sabendo que ele não me ouvia

gritei atropelando o ouvido mouco
há um contra-poema em cada gota de sangue

poeta contra a barbárie

sobre as cabeças os aviões
sob os meus pés os terremotos
de expansões industriais

piloto terrorista beleza pura
pula de asa delta da pedra bonita
nas barbas fenícias do imperador

bom vôo
bom vôo
bom vôo

sobrevoando a estátua da liberdade
piloto lembra do poeta aljor
das canções de jorge ben
e de cassius marcellus clay
o inesquecível muhammad ali

sobrevoando a torre eiffel
lembra de santos dumont
o poeta
aviador
suicida
e de seu relógio de pulso cortado
cortado
marcando sempre a mesma hora
como um salvador dali
dali daqui dali daqui dali dada
que oferta a própria cabeça em salva de prata

piloto terrorista beleza pura
pula da vida para entrar na história
lembrando do avião bala
que getúlio meteu no próprio peito

camus o profeta conhecia o futuro como o cego tirésias
e sabia que o suicídio habita
as duas colunas vertebrais do mundo

sobrevoando a torre de belém
piloto se dá conta de que o sal do mar atlântico
é temperado com as lágrimas de portugal

piloto beleza pura pula da ponte
mergulha no mar (rio) dos naufragos
e (sim e não) se afoga
ergue vô e sobrevoa a baía

sobrevoa a cidade e quando ninguém mais espera nada
piloto terrorista lança
nos subúrbios mangues e favelas
no coração da cidade
e em todos os bairros do rio
canções e versos de amor

um coro de demônios e anjos irmanados
completa a cena cantando

:

!viva a asa alfa beta gama delta da poesia!
!viva!

!viva a sociedade alternativa!

pista

i

marcha fúnebre:

tam tam

tam-tam

tam

tam-tam tam-tam tam-tam

piloto morto de fome em triunfo

piloto come carne humana coletada no lixo hospitalar do
recife

piloto de rua morto na candelária

piloto preso preto morto no massacre de carandiru

ímola ímola imolação

piloto sem carro invade pista alheia

piloto automático seqüestra avião para miami

piloto sem grana rouba bife de açougue

e reedita a saga dos miseráveis

piloto político e piloto juiz

comprovadamente corruptos

continuam fora da cadeia

ímola ímola imolação

piloto apaixonado mata e morre por ciúme
piloto desempregado invade o museu
e por engano atira no amigo
e vira notícia sem quê nem pra quê
e na seqüência vira refém da notícia
virado refém vira suicida
diante de um cinegrafista amator

piloto professora chora
piloto professora chora
a desdita em sala de aula
e assassina o contracheque na frente dos alunos

piloto mendigo é morto queimado vivo
por adolescentes no metro de paris
três anos antes do homicídio de galdino
paris é vanguarda paris é bárbara

piloto candidato a presidente reconhece
publicamente
em discurso de campanha na favela da maré
ser rico é muito chato
muito chato muito chato

fim de circo
lona podre

ii

eu vi o futuro
não tenho medo
ele fede a peixe podre
fede e fede
do bucho do peixe
o anel da lua
regula as marés
a era de aquários
regula o criativo
o falo do sol
regula os ventos

falo do sol
que pilota um sistema

falo de sóis
ocultos
de astros zeros
e zoroastros

assim como falavam os zaratustras
falo do sol e do fogo
língua de fogo lambendo o balão

língua de fogo
falo do sol central
e dos periféricos
falo da terra falo da água
falo do fogo falo do ar

falo do éter da palavra e da vida
falo metido na vida
da vida metida na vida
da vida que come a comida da vida comida
e nada mais

carandiru

carandiru é a sociedade inteira
brancos amarelos verdes e azuis
a favor e contra a exploração

carandiru é uma bandeira e uma nação
nuvem de híbridos e tantos morenos
jambos feijões chocolates e cafés

carandiru é um baile com bolas nos pés
bicicletas lençóis e folhas secas
de mulatos cafuzos caboclos e mamelucos

carandiru é uma cidade de malucos
é uma escola é um teatro é um templo
é o que você quiser que seja possível

carandiru é a ladeira do impossível
guardada em cofres de corvos de nunca mais
é uma arca de alianças é um museu vivo

carandiru é um arquivo
arquivo corrente é arquivo algemado
arquivo morto é arquivo queimado

carandiru é a afirmação do fado
a negação da vida da porta e da morte
é prisão em ventres de quimeras

implosão e explosão de vísceras
o cv do mundo é aqui
prisão é prisão em qualquer arte

professor corinto

sorriso da lembrança do professor corinto
(revido por vingança como o barqueiro do inferno)
ele roubava aulas de português na escola técnica federal
e gargalhava
quando eu dizia

: professor eu sou poeta não sou técnico em mecânica

ele esbravejava muito e metia medo
metendo o dedo indicador na minha cara espinhenta
quando eu dizia

: professor eu gosto da poesia da mecânica
e da mecânica da poesia

e mesmo não gostando muito
gosto mais da poesia mecânica
do que da sua cara de titia mal amada
para dizer a verdade a última frase
sempre morreu seca no húmus da língua

santa marta

í
e
se a alma do morro descesse
e
se o dona marta fosse um vulcão
e
explodisse
e
se a lava
e
a saliva do morro se derramassem
e
descessem (baba sem trégua)
e
invadissem
e
ocupassem
para sempre a cidade
?

memória da cidade

de onde estou
vejo o cristo redentor
punhal cravado
na corcunda do rio

rio sem quê nem porquê
duvidando na cidade
¿cidade dadivosa
que perversidade é esta?

¿de onde vem a per ver cidade
que se quer mar aveilhada
de onde vem meu desejo
de rir dos inimigos do rio?

rio de dia e de noite
e de onde estou agora
vejo o cristo iluminado
punhal cravado na caveira do rio

caveirão não caveirão não

para minha alegria e tristeza
vejo na memória meu filho mais velho
quando era mais novo dizendo:
!papai olha o cristo arreventô!

de onde estou agora
vejo e não vejo o cristo que reluz
ver e não ver
é uma invenção de nuvens

desde que foi iluminado
o cristo não pode mais
sair do pedestal
e dançar na noite

o trauma do cristo
a sua morte e alucinação
é não poder perambular
pelo ser tão carioca

meu sonho não é ver o cristo plantado
vegetal de concreto podre
é revê-lo em dança
virando do avesso o per verso

no meu sonho o cristo é brasa
e mora em bon sucesso
de onde parte o bonde expresso
pra depois da cidade de deus

de onde estou já não quero ver mais nada
quero apenas sonhar
com um cristo alado
que além de voar também me dá asas

medo

(marque com um “x” a resposta amarela)

a. medo é o desejo
de que algo de mal
aconteça

b. não temo
ser poema ou problema
temo ter medo

c. não temo ter
ou não ter resposta
temo ser medo

() **d.** o medo fode a alma e o corpo
o medo fode a mente e a inteligência
e também fode a paciência meu amor

() **e.** meu amor
o medo a tudo fode
a tudo corrompe e envenena

() **f.** não tenha medo
me dê a mão
é bom mandar o medo à merda

14 bis ou acorda a corda que o mundo acabou

empédocles pulou na boca do dragão
(monte e mito cuspidor de lavas)
giles deleuze pulou da janela
para a boca banguela
(vazia de valor e virtude)
sêneca cortou os pulsos na banheira
(boca cheia de água)
vargas apontou a morte para o coração
(copo cheio de sangue)
o velho bruno bettelheim
enfiou a cabeça num saco plástico
(cansado de viver sufocado)
e eu por pouco não me enforquei
na corda bamba do umbigo
(a cara morte da morte
é a cara da criança morta)

poucos pipocam para a barriga de água da vida
e brincam de boca de forno forno
tirando o bolo bolo
pendurados na coragem da pedra
amparados numa nuvem
concentrados numa estrela de mário quintana

é difícil continuar vivendo
morrendo e vivendo com os passarinhos
colocando asas nos sapatos pelo simples prazer de andar no ar

a vida vale o que é
e a morte é vale de mentiras
com a cara de pau do pinóquio
e o amor maior do gepeto

só mesmo com cara de pau
é possível continuar vivendo
morrendo
e nascendo
na barriga das pedras das algas das baleias
das cobras dos peixes dos passarinhos
e das meninas

arcos

i

pelos arcos da lapa
passa a marca
da alma do tempo
engana-se quem pensa
que pode guardar o passado
na mala

:

o futuro está nos arcos
da mão da palma da lapa
da palminha e da lapinha
das crianças

ii

engana-se quem pensa
que pode dar as costas à memória

perigo

nos passos da lapa
o passado de repente grita

: mãos ao alto
é um assalto

mental

iii

só mesmo de bode
pra não ver o bonde de santa teresa
só mesmo de bode
pra perder o bonde da história
que se faz aqui
na ágora da desordem
nas asas do progresso

coisa separada

perdido na floresta de copacabana
sem condições de dormir interrogo

¿que faço entre a fauna e a flora
se não quero vender e não quero comprar?

tudo é vazio – diz o travesti filósofo
estou de saco cheio – diz a menina que se coça
tudo é cheio e é vazio – um relâmpago zen me ilumina

não sou deste nem de outro mundo
não sou médium
nem remédium
apenas vim vi e venci o tédio de estar comigo

sou o que busca sem conforto
aquele que não se rende
sou demônio sem sono
anjo que não gosta de acompanhar novenas
boêmio que perdeu o bacurau
para não perder a sorte de uma conversa banal

quem quiser ganhar a vida perdê-la-á
(sentencia a descrente do vidigal)
os mortos ressuscitarão em carne e osso
(garante a descatólica de vigário geral)

não quero ganhar ou perder a vida
menos ainda ressuscitar em carne osso
tenho vidas explodindo pelos poros
aprendi a memória dos ossos
e quero tão-só a compaixão
e a compreensão dos budas
o amor e a sabedoria dos cristos

í

o que faço por aqui além de um poema
se compreendo que blake goethe baudelaire walt whitman
helena blavatsky roso de luna henrique josé de souza edgar
allan poe wassily kandisky augusto dos anjos fernando pessoa
cecília meireles gilka machado paulo leminski oswald e
mário de andrade clarisse lispector wally salomão guimarães
rosa mário quintana manoel de barros e aljor foram além de
anatele france e olavo bilac

?

não digo amém
vivo tecendo e refazendo ágoras
colocando pilha em relógio de corda
dando linha em relógio de sol
cortando pulso de relógio digital

deixa em paz meu coração

.....

sou o caosnauta
e sei que o tesouro da vida
o tesão de ouro da vida
é celebrado na viagem

teresas

guardador de automóveis

eu nunca guardei automóveis
mas é como se os guardasse
minha alma é como um guardador
conhece as chapas e as chaves
os arranhões e as mossas
os pêlos e as peles dos corpos dos carros
desde o azul celeste
ao luar de prata
desde a negra noite
ao branco de nata
desde o vermelho sangue
aos verdes olhos da mulata

minha alma anda pelos estacionamento
de mãos dadas com os condutores
seus agregados
e passageiros
sem lhes querer assim ou assado
sem lhes saber réu juiz ou jurado
sem querer ensacar os que perambulam
na categoria do bem ou do mal
bem e mal não me dizem nada

minha alma não é crente
nem descrente
e muito menos pretende
beijar a boca do universalismo dogmático
com hálito judaico-cristão

minha ama de leite é pagã
é pagã e me ama
e por isso mesmo minha alma ama
minha alma não tem religião e ama
e é livre como uma dama
num tabuleiro de xadrez²
é ela quem ama guardar cartas
desenhos gravuras pinturas
esculturas e coisas que habitam o universo
de três dimensões
e mais ainda

2 do fundo do seu saturno, meu filho me lembra: há damas no tabuleiro de xadrez e xadrez no tabuleiro de damas.

é ela quem guarda as coisas que não se pega
coisas que não se toca
que não se mede
que não se pesa
e não se conta
coisas que não têm dimensão
tipo pique-pega
pique-lata
e pique-cola
tipo música poesia e dança
tipo amizade e amor

guardar rebanhos
(alheios)
guardar automóveis
(alheios)
tudo isso é guardar museus e patrimônios
(alheios)

como não sou alheio ao que há
de humano de memória e potência
em mim
celebro a liberdade
teresa que toco e me toca
e
guardo a mim mesmo
em meu corpo de dança
em minha alma brincante
em meu espírito inventivo
pondo-me a brincar e a dançar pela vida
pondo-me a inventar inutilidades
como berlindas de capim dourado
balés de bailarinas de garrafas
pipas vãs transportando falanges de meninos
tudo isso
para que eu não seja mais um automóvel
para que eu mesmo não seja
mais
uma cabeça no meu próprio rebanho
que eu nunca guardei
nem quis guardar

mãos dadas

podemos caminhar de mãos dadas
walt whitman
cantando para o espírito para a alma e para o corpo
flanando por homens e mulheres
cantando paisagens naturais e urbanas
paisagens e movimentos sociais
luciferinas cidades de lusco-fusco

com o teu canto
walt whitman
aprende-se a transver a maya dos poetas
a economia do real é ilusão
o mundo fenomênico é ilusão
e o acidente de trânsito também
ainda que possam causar danos dores e mortes

não conhecestes o néon
nem a polifonia das mídias eletrônicas
ainda assim podemos cantar ombro a ombro
enquanto for o mesmo o nosso desatino
mas
não me leve muito a sério
walt
whitman
eu mesmo faço desfaço e disfarço o meu caminho
e por ele hei de ir relva
hei de ir som de paisagem
hei de ir sol

o sol é meu mestre
walt whitman
¿por que haveria de ter um outro?

além do que não sei

montanhas que desdormem
ao lado de lagos e raios
lagoas praias e ilhas

aves e peixes que bailam
ombreado mamíferos e insetos
répteis moluscos e anfíbios

anjos devas e dragões
bestas meninos e deuses
todos os seres ceiam comigo

eu sou ancoradouro de tudo
pedra planta bicho homem e deus
além do que não sei de mim

fragmentos

a vênus de milo
não é menos deusa
por não ter braços
o dom da deusa não está nas mãos

a cabeça de buda
não é menos buda
por não ter tronco
a compaixão não mora num ponto

a vitória de samotrácia
não é menos bela
por não ter cabeça
o vento da vitória não tem prisão

folha solta

a folha de informática anuncia
o seqüestro da poesia e da canção
poeta marginal preso em flagrante
navegando a lucidez na contramão

quem diria meu deus quem diria
que partindo da teoria para a ação
o jovem que fez versos delirantes
a favor da liberdade de expressão

voltaria agora à tribuna da agonia
para cantar como o poeta amante
o beijo alegre e livre da contradição

imprevisível é o destino da poesia
ontem na rua urrava e gritava avante
hoje revolta a rimar café com pão

todos os poemas

todos os poemas de amor são meus
todos todos todos
absolutamente
todos

não importa de que homem
ou mulher nasceram
não importa quando
em que cidade e em que idioma

todos todos todos
absolutamente todos
os poemas de amor
são meus

e
agora
que
todos
os poemas
de amor
são
meus
todos todos todos
absolutamente todos
declaro
publicamente
que
todos
os meus
poemas de amor
são seus



fios e labirintos

ou a palavra
aceita o labirinto

ou a paz lavrada
se perde no vazio

quebrar os ossos da palavra
na bigorna do olvido
é o teu ofício

o meu é reencarnar sentidos
vomitar fios
e lambuzar de teia o nada

marília de dirceu

a palavra
não é mar
é ilha

a linguagem
não é ilha
é mar

o poema
não é ave
é mar&av&ilha

declaração de amor suburbano para rosemeier

seu olhar quase ipanema
desceu como copa bacana
amadureirando o fruto
amolecendo a casca dura
me deixando encantado
não tendo dó nem piedade
de mim

vem cá maria da graça
da glória da penha da vila de isabel
vem cá minha santa teresa
depois que eu fizer carinho
na floresta da tijuca
e na cidade de deus
depois que eu te der um beijo
minha flor de laranjeira
minha flor de mangueira
eu derrubo os pilares do medo
e decreto a abolição
de todo e qualquer del castilho
de todo e qualquer engenho
real novo de dentro ou da rainha

sem fátima e sem saúde
a vida não é gamboa
eu não tenho bonsucesso
minha maré fica vazia
sem fátima e sem saúde
a vida não é recreio
sem fátima e sem saúde
a vida é barra
barra

para amar na cozinha

bom azeite
bom trem
boa faca
e bom lume

não é indispensável
mas convém
cheirinhos de alfavaca
e pimentinhas de ciúme

amares

tempos de mares poluídos
e ficares
sem compromissos

tempos livres
de pegar e ficar
sem liberdade

tempos de ligeirezas
deslocar e afetar
sem intensidade

amar
não está
pra peixe

poemas do outro dia

i

outro dia
ouvi a mim mesmo
e eu me dizia
quem sabe você não devesse
ouvir você mesmo
outro dia

ii

feche as janelas
as portinholas
e as persianas
o dia aqui não passará

cubra os basculantes
e as cortinas de renda
com brim bem escuro
o dia aqui não passará

ponha cera nas fechaduras
espuma nos pés das portas
lacre todas as frestas
o dia aqui não passará

não passará
não passará
o dia aqui
não passará

iii

não tenho vocação
para são sebastião
e não confundo
sessão de acupuntura
com tortura

conclusão:
tuas agruras
para o bem e para o mal
não tocaram
nos meridianos certos

iv

passa de novo os cabelos
dessa vez com dedos frios
para de trás da orelha

escute nessa rabeira de noite
meu desencanto em si menor
tenho saudades do tempo em que te amei

v

naquele dia
em que você me ligou
e disse bom dia
era tarde

naquela tarde
em que você me ligou
com juras de travar línguas
era tarde

naquela noite
em que você me ligou
babando na fronha da poesia
era tarde

era muito tarde

contra-abortivo

afeto o feto
com afeto

OVO

o novo

é

um

ovo

no

vazio

caminhadas

luzes curvas e casas
e águas em movimento
dias e noites de estrada
pé de mato e pé de vento

costura

teço

com as linhas que me restam

tecido de seda e sonho

tapete voador

lençóis teresas e colchas coloridas de bons dias

pros meus filhos

torço

com as forças que ainda tenho

e desenho outro mundo

bordando amoras e sabiás

costurando amores e saberes com coragem peles e cabelos

pros meus filhos

teresa

teresa
são nós nos lençóis
acordando caracóis de afeto

teresa
é corda que corta
a monotonia dos dias de prisão

teresa
é a possibilidade
do sol deixar de ser guimba

teresa
é a visão da lua
para além das cadeias da visão

teresa
é beatriz e eurídice
é eva é sophia é helena é maria

teresa
é um pulo parado no ar
acordeom tocando sem parar

teresa
não é tudo na vida
é anima mundi e ainda mais

teresa
é um celular
controle e libertação

teresa
é uma ligação
é faca escondida no pão

teresa
é uma chave
equilíbrio entre o vôo e o coração

do amor admirado e da admiração amorosa

amo e admiro vinícius pela capacidade de amar e pela poesia que viveu não falo de versos de amor falo do que não se escreve em versos do amor que se inscreve no corpo e se perde no momento exato no inexato agora de amar sem consciência de perda ou ganho de perdas e danos de felicidades ou infelicidades

verdade mentira engano pior

i

verdade é o olho do morto
pousado em mim
dizendo

:

a morte é mentira

ii

mentira é o incômodo
gerado pela mosca
pousada no olho aberto do morto
do morto por bala engasgada ou engano³

³ chamar bala de bombom não é engano é confeito. poetas são procuradores de papel de bombom – dois exemplos: sonho de valsa e serenata de amor – para embrulhar bala perdida.

iii

engano é adoçar
café com sal
pela virtude do frasco
¿há coisa pior?

iv

pior que café salgado
é velório interminável
amor e amizade não se enterram

memórias na
ponta da língua

a corda

i

acontece que seu jeito
amanhece em meu peito
me acorda bem leve
e sobrevoa

ii

acontece em meu peito
se seu jeito me acorda
que o coração fica leve
e voa

iii

seu sorriso
e seus olhos
tão tatuados
nos meus

iv

seu corpo é mapa
delicado
desenhado
na palma do tato

v

tenho tatuagens
escritas na pele da alma
invento histórias imagens e tintas
que acendem
a dor
o prazer
e
a cor
das
memórias

ex-gana

engana-se
quem cospe
na memória dos beijos

memória do líquen

do quero ser
e do que querem que eu seja
brota o drama do que sendo
sou e não sou em mim

peitos da memória

entre o arqueiro zen
e os fogos de artifício
sou a celebração
do beijo da diversidade

sou o abraço sem braços da história
a dança cigana
e a pergunta

¿
será possível viver
sem o leite
o deleite
e o veneno
dos peitos
da memória
?

memória dos olhos

na memória dos olhos
é onde guardo tudo
conchas ondas e peixes
cores curvas e virilhas

guardo as ilhas
os verdes e as praias
e as muralhas
do teu litoral

para ti o ouro dos sonhos
desce pela encosta do dragão
pela via da serra ao mar
cidade doce azul vermelha amarela colonial

outro lado da memória

oscila o diapasão das cores
entre o horizonte do beijo
e o azul do abraço
entre o sorriso laico
e o vôo da bem-aventurança

um mineiro encantado
com a visão do mar
é o olho que abre o coração das coisas
admira o movimento das águas
e o ninho das aves urbanas

essa atravessura é minha
esse olho é um eu sou
pirata que oscila no meio inexato
entre o um e o vários
entre o que há e o que não há de Mário em mim

evaporação

i

troca de tiros e olhares
quebram o gelo
derreto-me por nós

ii

termômetro atropelado
febre instalada
fervemos

iii

se a febre diminui
e a temperatura sobe
o amor evapora

condensação

i

nuvens gordas
lua oculta
bloqueio duplo na rede de estrelas

ii

afetar corpo nuvoso
e ser afetado por ele
é chover no molhado

iii

os raios e seus anúncios
iluminam os olhos de mudança
vou chover

tulipas

quem nunca provou uma tulipa
carregadinha de ouro
nada sabe de sabores

quem nunca viu uma tulipa
brotando no roseiral
não pode se dizer vidente

quem nunca ofertou uma tulipa
despetalando de afeto
não está habilitado pro amor

sabores vidências e amores
são tulipas transparentes
cálices de sim que te dou

caminhos

conheço postes pontes e portas
curvas e cruzeiros de santas quebradas
o rio e seu movimento
casas e pedras plantadas

no que venho e vou de mim
crio marcas de topadas
cada pé de mato traz
em si muitas estradas

há séculos que venho e vou
caminhos de cor do jardim
mais um século chegou
e eu não dei conta de mim

mãe do mato

seu rosto
em cada folha da floresta
me sorri
com os olhos apertados

chove bromélias
sua voz despenca
das árvores
regando meu pé de ouvido

niños nos ninhos
se ocultam
passarinhando
em seus cabelos verdes

chove borboletas
em mim
mim não sabe o que fazer
com sua ausência

museu

rio de secretas paixões
abertas em sete chaves
no museu do coração

¿
quem poderá contemplá-las

quem poderá compreendê-las
?

insondável xícara de chá
entre o um e o outro gole
o encanto da adivinhação

¿
quem poderá penetrar o museu de paixões
?

eu mesmo ando procurando o mar

visita ao museu

bom dia palavras
visíveis
e invisíveis

¿
como passaram a noite
?

o sol
bateu seus dedos invasores
na vidraça
e pelo visto
a insônia continua

da casa do vizinho
vem um cheiro de café novo
que inspira a respiração

um
dois
três
quatro

lavar as mãos
lavar o rosto
escovar os dentes
fazer café

bom dia palavras
é bom dormir
e acordar com vocês

diabão

às minhas quatro irmãs

i

bom dia

o dia acordou de bom humor

de bem com o amor

e com a luz do sol do dia

bom dia

beijo a flor da dor

no meio da folhagem das roseiras

e das buganvílias

ii

é preciso peito
para dar abraço
de peito com peito
entre espinhos coloridos
e beijo de língua
entre unhas de gatos de vidro
e cheiros de inimigo que adormece
(em mim) em mim
mesminho (em mim)

iii

explodir pecado e culpa
com a bomba da alegria

é preciso peito para ser mãe
e partilhar o peito
objeto de prazer desejo e fome
com o amante e com o faminto
e não raro com o amante faminto

iv

é preciso peito para ser
parte e para ser
só

coragem e coração
para dar beijos e abraços
sabendo que beijos
e abraços não matam a solidão

partilhar o território e o teto de luz
a coberta a escuta e o campo de capim florido
a semente de memória e o grão de olvido
e na pétala da orelha sussurrar

bom dia
boa tarde
boa noite
bom dia

amália

nosso caso de amor
pelo filtro dos teus olhos que são meus
nos transforma em personagens
de um trágico fado vadio

mega iv

cada mulher é viagem
com o barulho próprio dos bondes
rangendo rodas de ferro
em trilhos de esconde-esconde
quebrando o silêncio dos anjos
com faíscas de alegria
cortando o mapa dos ondas
com fios de odes e elegias
acolha-me nesta hora incerta
minha alma de maria
cheia de graça
rogando por todos nós

cada mulher é viagem
quando não é esfinge

lisboa visitada com gravata

i

navego entre campos de maio
minha gravata borboleta
com caras de cavalos

ii

sou campo e rede
tenho cavalos e éguas marinhas
laçados por borboleta

iii

sou hipocampo de gravata borboleta
é isso o que eu sou
um hipocampo de gravata vermelha

iv

para as horas pesadas e tristes ainda que belas
reservo a borboleta com patas de elefantes
e um elefante de asas amarelas

v

laços de amizade livre
espaços de hipergeometria
mimo de maio de mário e judite

vi

no rio alguém que bem me quer
há de bem me dar borboleta de prata
e universos de amor sem gravata

vii

meu borboletário
não quer ser coleção
quer voar voar e ser voação

gravata de rua

de repente sem motivo aparente recordo a briga de rua e a gravata que um inimigo de rua me deu. ele era gordo forte e grande. sufocado eu já morria quando de repente sem motivo aparente recordei de meu pai que dizia: procure o equilíbrio o caminho do meio. no meio da briga acertei uma joelhada nos bagos do inimigo de rua. ele desatou a gravata e eu desatei a maldade.

pingue-pongue

eu dou o saque
ela corta

eu jogo num canto
ela corta

eu jogo no outro
ela corta

eu levanto a bola
ela corta

eu abaixo a bola
ela corta

eu faço planos
ela corta

eu teço sonhos
ela corta

rainha da cortada
eu tô fora
não quero mais jogar
pingue-pongue com você

nadadeiras e asas

amor sempre é movimento
coreografia de peixe
com asas de borboleta
dança que acorda
o dragão de terracota

aliança

o encontro tem aliança
com as naves e com o mar
o movimento aliança com o repouso
a dança é a língua do amor

pontas

quando você passou a ponta da língua
na ponta do lápis
eu me lembrei de um milharal de poemas

memória dental

i

naquele dia quando você sorriu de amor
eu li em cada dente
uma alegria e um poema diferente

ii

desde então a poética dos dentes
e suas lâminas de sim e não
são a minha mais nova obsessão

alforje

no meu alforje
guardo fósseis
pterodátiles e poetassauros
máquinas de escrever e mimeógrafos

no embornal bordado por maria bonita
guardo punhais alianças botões brinquedos e fitas
quase livros quase diários
quase coisas
quase coisas de casar
de descasar
e tudo o que não coube no matulão

todos os seres são
museólogos
guardando e comunicando impossíveis
arqueólogos
encontrando e guardando outros impossíveis

se acaso você chegasse no meu chatô
e encontrasse

.....

mesmo encontradas as coisas são sobejos

para além desse jogo besta de desejos e não desejos
guardo em meu alforje
beijos
revoluções
pedras
arestas
canetas
poemas
pomares
mares
mapas
taças
vinhos
livros
discos
sorrisos
canções
baladas
bicicletas
mochilas
planos
sonhos
signos de amizade
e quilométricas cartas de amor

noturno suburbano

dissonâncias de violões em bon-sucesso
eu parava o cavalo azul
no posto esso
e colocava dez contos de melodia

no outro lado do silêncio
atravessando os tempos
desafinando as ruas
o bombeiro cantava incendiando a noite

você precisa saber
da piscina
da gasolina

e ainda acendia
na contramão dos mares insanos
uma vela pro navio da poesia
e outra para a guerrilha suburbana

a dissonância gostava de tremoços
provolone salaminho calabresa e azeitonas verdes
a dissonância engordava
engordava
e o vento frio soprava improvisos
na flauta dos ossos

você
você precisa
você não precisa saber de mim

não sei

não sei
o que a nissei
pensou
quando como um lince
lancei
meu olhar sobre ela

eu sei
que essa nissei
não sabe
que eu me vejo da vinci
com os cílios
de pincel

nissei
me ensina
a liberdade
que aqui
nessa cidade
eu sei que nada sei

largo da ordem

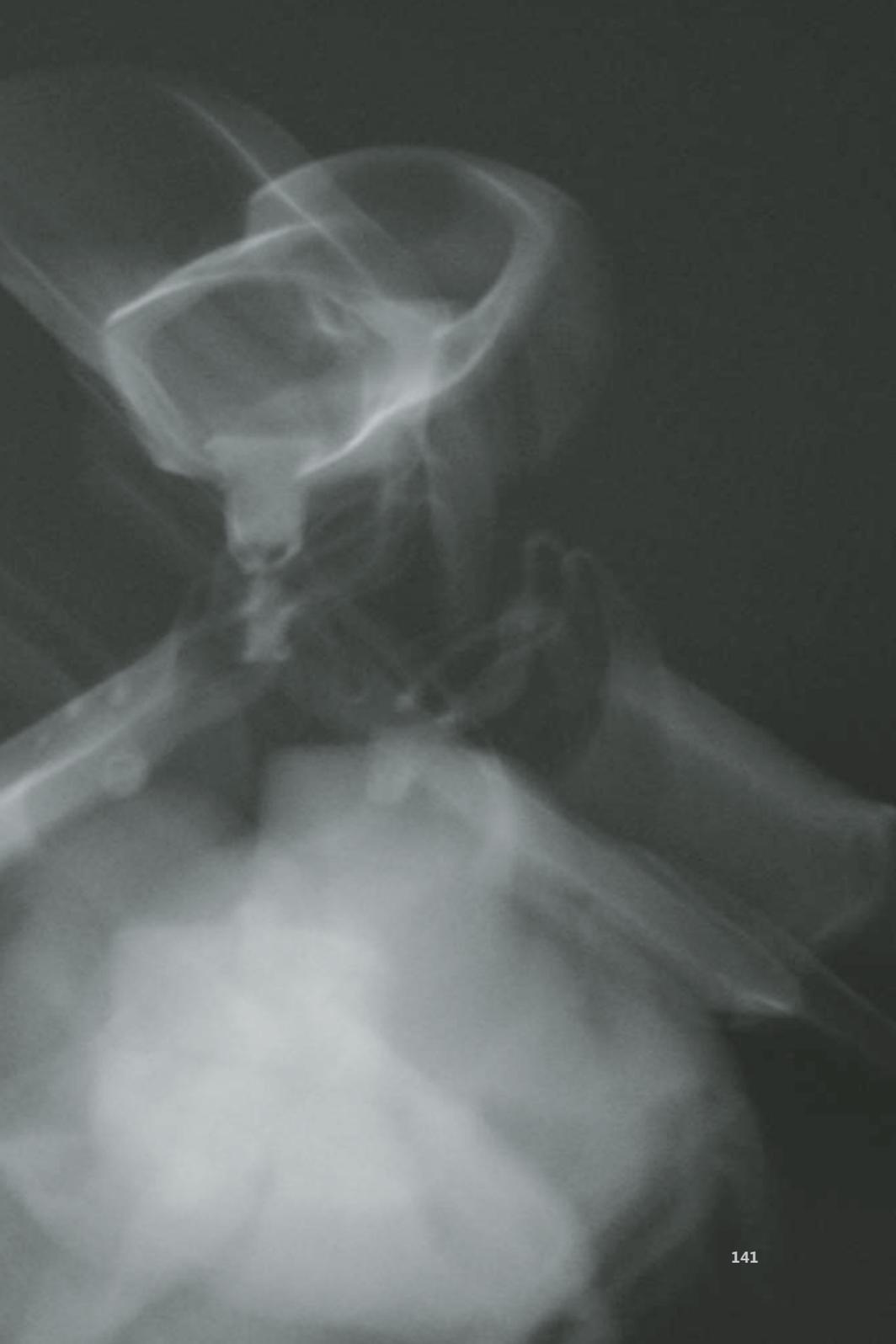
a lua cresce no fim da rua
leminski implica comigo
:
!é minha a cidade!
a rua desce minguando a lua

peixe espada

anjinhos algemas e troncos
bolas de ferro e libambos
cadeados e focinheiras
correntes e gargalheiras
e cintos de castidade

signos do meu suplício
histórias de amor medonho
sonhos mortes desditas
vinganças e repressões
velas naves navalhas

a liberdade é ventania
maremoto no riacho
subversão do futuro
é peixe-espada cortando
os ferros velhos do peito



**vem chegando a madrugada ô
e a velhice vem caindo**

caia sobre mim a velhice
não de uma vez
não como um raio que me parta
mas como uma gota de som
de sangue incessante

como um conta-gotas
que sobre mim despeja
o desejo de despejar o mar

como um beijo que deixa
sobejos de memória
sem deixar marcas de batom

ainda guardo uma gota de sei lá
no bolso do peito
e outra de quem sabe
no bolso em faca
no esquerdo do quadril

como quem não quer nada
invento danças
aceito desatinos
desafio a mim mesmo
faço xixi nos postes⁴
e guardo um arco-íris escondido
nas unhas
que não param de crescer

4 ¿xixi de poeta tem poesia? poetas que fazem poesia no poste têm coragem de cantar: “eu não sou cachorro, não!”?

das cabências do amor
(marque com um “x” a resposta celta)

- a.** o amor cabe como luva
em qualquer mão
de dez dedos
- b.** cabendo em qualquer mão
o amor não cabe nunca
a não ser na contramão
- c.** contracheque contra-ordem
contradança contra-senso
contrapelo e pontapé
- d.** o amor cabe
como luva
na contradição
- e.** o amor subverte e subverte tanto
que não cabe e cabe em nenhuma
das perguntas ou respostas anteriores

**cantigas de amizade
(marque as respostas valsas)**

() **a.** há uma mesma raiz
sangrando amor e amizade
bom amigo bem amado

() **b.** a radícula que une
ridícula também separa
belo amigo bom amado

() **c.** o radical da amizade
é conta minada de amor
bem amigo belo amado

() **d.** há uma raiz
tocando fogo em dois
belo amigo bem amado

() **e.** era uma vez e eu quis
extrair a raiz de dois
bom amigo belo amado

() **f.** era uma vez e eu caí
no universo dos números irracionais
bem amigo bom amado

da guarda baixa

branca ela se aproxima
do escorpião
noite mansa alta gorda
decrecente

encantado ele desarma o bote
abre os braços
acelera o passo
e corre pra lua

na rua um coro
de (vozes magras desafinadas)
adolescentes

ah eu tô maluco
ah eu tô maluco
ah eu tô maluco

cauê

i

braço amputado do corpo de itabira
sua forma etérica
ainda está lá

ii

ponta de ferro derretido
taça de sangue derramada
brilho de inexistente estrela

iii

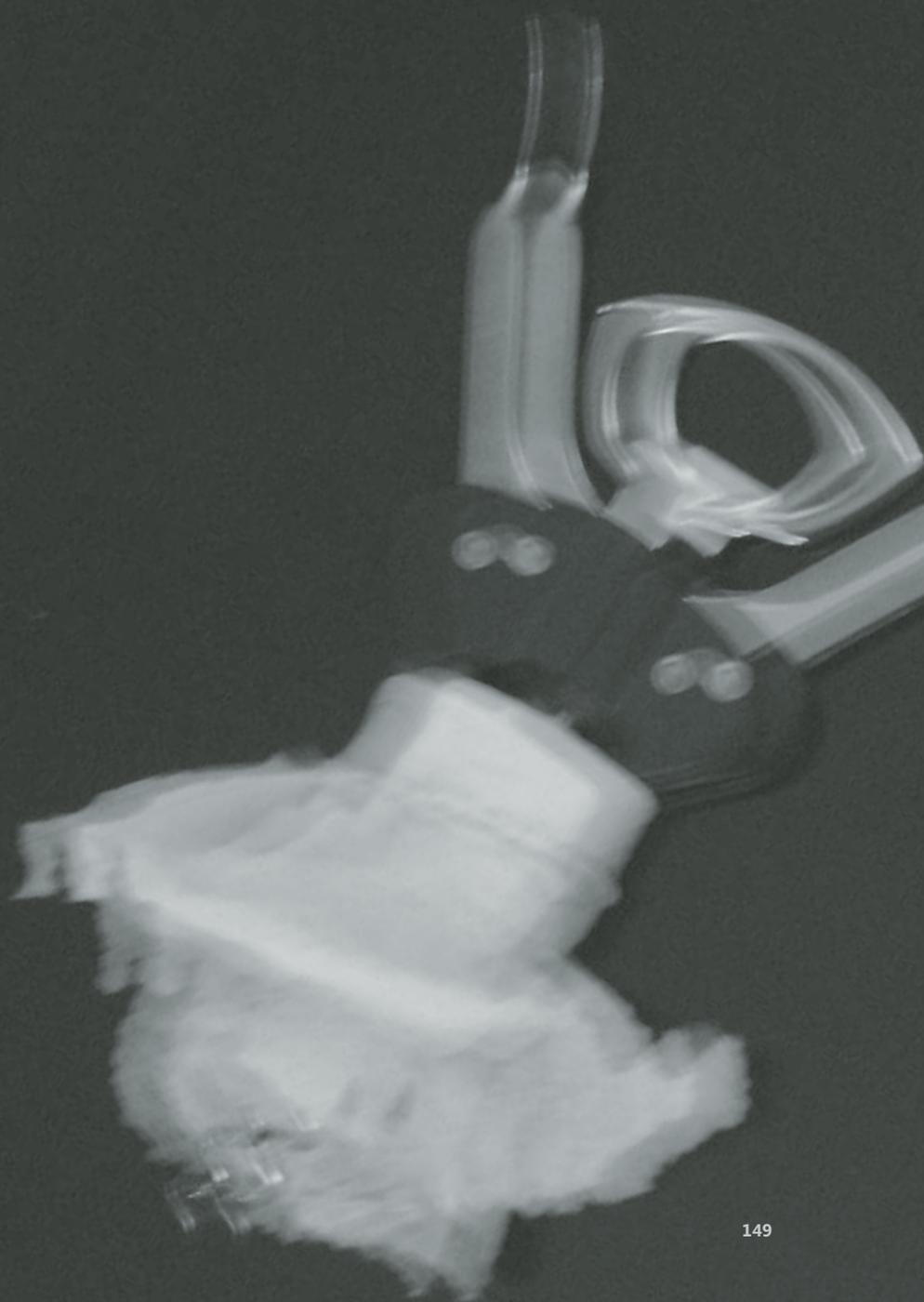
memória alucinada
quelóide no imaginário da poesia mineira
avesso do marco e da estaca

iv

ímã sem pólo choque eletro-visual
seu núcleo de força e poder
ainda estala

v

¿cadê cauê?
um trauma no corpo da paisagem da terra
também traumatiza a paisagem da alma



ci né má

i boa nova

glauber tu és rocha
e sobre ti edificarei
o cinema brasileiro

ii desvestindo a noiva

toda nudez

será exaltada

toda mediocridade

castigada

iii canal 100

para ti boa amiga
cercada na pequena área
presa entre as traves
torturada pelo tempo
pelo apito do juiz

para ti que mergulhas
no terreno baldio
na várzea
na rua
na praia
e encontras o teu próprio corpo
no vadio esférico do amor

para ti a hora do pênalti
eu já desconfio
independente da torcida
é a melhor hora

iv no escurinho

beijo é cultura
cinema é cultura
logo

:

beijo no cinema e beijo fora do cinema
cinema com beijo e cinema sem beijo
beijo engatado e cinema engajado
beijo de língua e cinema radical
isso e aquilo perambulam
na corda bamba dos beiços
e do cinema nacional
nas possibilidades de tua boca livre
bela doce livre e quase adormecida

v musical capiba

eu canto e danço na chuva
com meu guarda-chuva vermelho
frevo inventando gestos
desaguando em fitas para encantar
rodo faço piruetas
chovo do trapézio da escola de circo
pulo salto na amplidão
ando sobre as águas da velha baía

você nada
você nada
você nem se molha

vi falado

a poesia grita no ouvido mouco
do tempo

:

ou essa prosa muda
ou essa prosa fica muda

:

ou essa prosa muda
ou essa prosa fica muda

vi documentário

não sou morto
não sou ramo seco ou podre
sou mãe do mato
invenção de túnel e veia
entre a rua a urna a navalha e as insígnias

mané meu tio e padrinho abjuro
roubou o violão de meu pai
roubado meu pai cantava
canções de louca tristeza
canções de louca euforia
canções de louca amargura
e de louca modernagem

se a ema gemeu um dia
foi quando meu pai cantava
sabendo que ela (anagrama de mãe)
trazia em seu desencanto um bocado de azar

querendo evitar o azar e a praga clara da mãe
meu pai costurava teresas
lençóis de conversas imensas
entre pedro álvares cabral e as estrelas
entre o pé de abiu e a caixa d'água
entre o rabo da noite e o nariz do dia
foi numa dessas conversas embrulhadas em lençóis
que ele assassinou o papagaio
com a enxada de sua mãe
depois de enterrá-lo com pompa e circunstância
meu pai me segredou

:

morre tarde quem se repete

foi a partir daí que eu compreendi

:

azar e sorte são mentiras
estrelas e homens são farinha do mesmo moinho
árvores são rios que correm no sentido vertical
noites são ondas beijando o corpo de aurora

no mais

o silêncio do papagaio
e a língua criativa da memória

só existe memória amanhecendo

porteira cavalo e açude
casa-grande do engenho corredor
ali nasceu josé lins do rego
tudo é cupim e abandono
outros insetos morcegos e ninhos de pássaros bizarros
tudo é menino engenho e arte

tudo é invasão de bichos e plantas
e o grande medo
de que esse grande fogo morto
desabe sobre mim
obturando as artérias do sonho

¿
que destino devo dar ao menino de engenho
que ainda brinca por aqui
?

mainha tô brigado
mainha não soprou meu cabelo
e eu sonhei
mainha tô brigado
não gosto de sonhar

antes do fim

das mãos em tese

tenho olhado para as minhas mãos há quarenta e tantos anos
por curioso não sei se lembro das minhas mãos do mês
passado

e sei bem menos das minhas mãos de criança

algo em minhas mãos me surpreende como um sol familiar
ainda assim vez por outra o demônio do tempo
resolve tocá-las

e resolve acender a memória do estranhamento

(a memória também é um demônio)

e nesses momentos vivo as minhas mãos
como se elas fossem pote de barro ou cesto de palha
em que um artesão de nuvens teimasse deixar
as marcas das suas mãos

parte das minhas memórias
mistura-se à lembrança de mãos que vi
ao longo de quarenta e tantos anos
mas quando olho para as minhas mãos
sei que elas são minhas
vejo em seus desenhos ferramentas janelas e portas
pipa pião bafo-bafo bola de gude e cinco pedrinhas
vejo que elas têm a minha história
e ainda assim me surpreendo com a aura de segredo
com as histórias que os dedos me contam com cheiro de
novidade

tantas coisas eles e elas tocaram e não vi
(fosse pelo mistério da noite
pela impossibilidade de ver
ou pela singela decisão de não ver)
tantas marcas gravadas sem que eu me desse conta

olho para minhas mãos e percebo que o tempo passa (entre os
dedos)

elas são minhas e já não são mais minhas
são minhas e já não são mais as mesmas

eu tenho mãos em tese
em tese eu tenho mãos
elas parecem ter vida própria
mesmo quando escrevo sobre elas com elas e por elas

minhas mãos hoje são mais envelhecidas
de tanto que carregam potes e cestos de nuvens
de tanto que carregam olhos e escamas de cristal
quando falo assim elas me repreendem
cantando em dupla

:

í

que paradigma poeta danado
você evoca e encanta para dizer
que somos mais velhas

?

olhe nas estradas e meandros de você
somos bem mais novas que as mãos que seremos
e o depois de amanhã é um segredo que não nos compete
dizer
ainda assim somos nós que moldamos os dedos das mãos do
tempo

eu tenho mãos em tese
em tese eu tenho mãos
e por isso ouço as suas vozes
converso com elas
olho para elas e me interiorizo
as minhas mãos não são de osso e de carne
são desenhos danças canções e sementes
são brinquedos portas e bombas que explodem no agora

ditirambos

oferta da fala

*no meio da roda de homens e mulheres bambas
poeta abre alas cantarolando
saca o pandeiro
palhaço
e percute o couro do bicho alucinado
equilibrando-se num quase samba
num jogo de pernas e braços
e abraços*

*poeta cantarolando
gaguejando e brincando*

cena i – os tupinambás são gregos e vice-versa

di di di di di di di
ti ti ti ti ti ti ti
ram ram ram ram ram ram ram
bo bo bo bo bo bo bo

di ti ram bo
di ti ram bo
di ti ram bo
di ti ram bo

assim falava nietzsche
:
querendo dotar a humanidade
de benefícios sem conta
oferto-lhe os meus ditirambos

¿
que linguagem ouve
o espírito da rebeldia
quando fala consigo mesmo
?

a linguagem do ditirambo
cá com meus bigodes
sou o bode
inventor da tragédia da dança da escultura
da música da fala do silêncio e da ode
e ainda mais do di ti ram bo

querem me imputar o mal do mundo
o mal do mundo não sou eu
nem a alegria
o mal do mundo são o medo a ignorância
o desamor o egoísmo e a covardia

¿
eu
?

eu canto ditirambo
e danço
samba

assim cantava a beleza
no maluco do lençol
:
viva o pão
viva o circo

viva o poeta pagador de mico
viva a sociedade da gentileza
gentileza gera gentileza
o capital é o capeta
e o capeta é o capital
gentileza gera gentileza
gentileza não gera gentileza
e a beleza é e não é fundamental

viva viva a turma da cultura viva
viva sinhô donga e joão da bahiana
carlos cachaça e paulinho da viola
joão severino e ernesto do cavaco

assim falava meu pai (joão)
plagiado pelo ubaldo
:
viva o povo brasileiro
viva a nação popular

viva candeia garrincha manga didi vavá e cartola
viva a ala das baianas vivas
viva dona neuma dona zica e dona magaly cabral
vovó albertina mãe sylvia
tia ilza tia zilda e tia arlete costureira

eu canto ditirambo
e danço samba
(olha o rapa olha o rapa
olha o rapa olha o rapa)

samba lê-lê tá doente
tá com a cabeça quebrada
samba lê-lê precisava
do beijo forte da amada
do beijo forte da amada
samba lê-lê precisava
de muito beijo da amada
de muito beijo da amada

samba samba samba lê-lê
pisando a solidão lê-lê
pisando a solidão lê-lê
eu canto samba
e danço ditirambo
e danço ditirambo

cena ii - só doido só poeta

poeta faz exercícios de alongamento

e ginástica aeróbica

poeta chora

ri

senta

e medita

só doido

só poeta

sob máscaras de mameluco sambando à loa

só falando à toa

construindo pontes com fios de lençóis

e café morto de frio na garrafa térmica

subindo e descendo por teresas crispadas de palavras

por arco-íris de mentiras entre falsos céus

vagueando rastejando

só doido só poeta

de brasileiro poeta e louco

todos (pais mães filhos e filhas da puta)

todos temos um pouco

assim falava zara trinta repetindo a grande mãe

:

quem não gosta de samba

bom sujeito não é

é ruim da cabeça

ou doente do pé

cena iii - assim falava zaratustra

os poetas mentem os poetas mentem demais
mentimos muito
ah estou farto dos poetas

estou farto dos poetas
dos antigos dos novos e dos novíssimos
todos são mares esgotados
pedras de vento e de isopor
lançadas no telhado do gigante piaimã
que mora em são paulo na rua maranhão
vizinho do sociólogo-doutor

quando digo
:
estou farto dos poetas
estou mentindo

do que estou mesmo é farto da petulância
da arrogância e da ignorância dos doutores
sejam eles padres pastores professores políticos
sacerdotes mães de santo donos de terreiro
modelos e jogadores de futebol
carcereiros advogados juizes médicos cientistas artistas
líderes estudantis e jornalistas
estou farto do oceano de vaidades
¿ não é o mar o primeiro dos pavões reais?

entre poetas e doutores fico zara
zara
zara
zero
astro zen

celebro
agni agni agni
o fogo sagrado
é no fogo que vejo o poeta
proceder contra o poeta
e se libertar

cena iv – extra extra

*poeta sai de cena
abraços abertos
na mão direita uma roseira
com espinhos e duas serpentes entrelaçadas
na esquerda um urubu-rei preso pelo pé
ao fundo um coro de demônios e anjos abraçados*

:

gentileza gera e não gera gentileza
colunas de poesia sustentam a vida
colunas de poesia desafiam a vida
colunas de poesia sob vias expressas
abrigam vidas de profetas
geram gentilezas
e produzem ditirambos
extra
extra
extra
poetas bombas explodem
pipocam
pipocam
e contaminam
de poesia vida e sonho
toda a cidade
extra extra

antes do fim

antes que o livro acabe
e me acabe de vazio
convido o vazio livro
para acordar comigo

antes que o livro acabe
e me acabe de poesia
convido a poesia amiga
para fabular comigo

um outro dia

Com muito AMOR
e CARINHO um desenhinho
Pra o livro DO meu querido
PAI!



Gabriel xD

2008

culturais, há guardadores de automóveis, há professores corintos, há índios galdino e há marias-teresas. e há muito mais no que somente não há mais nada. a poesia de *chagas, mario* é performática, daí a necessária alusão ao mundo que acaba e à dignidade dos mimológicos hãhãhãe.

é possível que os seus antepassados índios tenham contribuído para firmar na memória o passo definitivo em relação à poesia engajada, aviltando os que tornaram de fogo a língua do índio mendigo. é possível que mais do que poesia urbana e mais do que museus como pontes entre culturas, *chagas, mario* esteja preocupado em tecer suas próprias teresas, para escapar das amarras de seu academicismo e das desilusões da ciência não-ficcional. mas, não, não é possível antepor o prenome à vírgula sem deixar de

*partilhar o território e o teto de luz
a cobertura a escuta e o campo
de capim florido
a semente da memória
e o grão do olvido
e na pétala da orelha sussurrar*

esse cabra é meu pai!
chagas, viktor.



mario chagas. dinossauro da família dos zepelins, dos aeroplanos e dos mimeógrafos. caosnauta em busca do toção de ouro. sobrevivente da guerra fria. tudo isso diz um pouco de mim, sem dizer nada. acrescente-se a esse nada, um pouco mais de nada de mim: sou carioca pernambucanizado e depois desgeografizado. nasci durante as festas juninas de 1956. desde sempre convivo com festas, fogueiras, bandeirinhas e balões-beijos. cresci em cavalcante, vi a *em cima da hora* nascer. estudei na escola municipal espírito santo e depois me larguei no mundo fazendo poesia, técnica, ciência e muita arte. foi por esse caminho que virei técnico em mecânica, licenciado em biologia, bacharel em museologia, mestre em memória social e doutor em ciências sociais. tudo isso diz um pouco de mim, sem dizer nada.

ISBN 978-85-87096-08-1

